

Novos campos de batalha

Phil Neel

30 de junho de 2022

Link: <https://illwill.com/new-battlefields>

O coletivo turco [e-Komite](#) entrevista o geógrafo comunista americano Phil Neel.

Seu livro, [Hinterland: America's New Landscape of Class and Conflict](#) foi publicado em 2018. Em uma [entrevista](#) com Paul Mattick, você o chama de "um livro de geografia comunista". Como você definiria a geografia comunista? O que ela pode nos ajudar a entender?

Por um lado, é apenas uma descrição boa e concisa, já que sou comunista e geógrafo - portanto, as questões políticas são, para mim, naturalmente inseparáveis das questões espaciais, e a crise é mais bem retratada como produzindo uma paisagem econômica literal. Também argumento que houve mudanças muito concretas na geografia da agitação nos EUA e também limites geográficos específicos que foram difíceis de superar em meio às recentes rebeliões. Esses limites se repetem em cada novo ciclo de tumultos, por exemplo, que tendem a gravitar em torno de corredores vazios no centro da cidade e salões simbólicos do poder, o que dá um bom espetáculo, mas não é tão ameaçador ou perturbador quanto parece.

Mas, em um nível mais profundo, qualquer pessoa familiarizada com a organização comunista ou anarquista nos EUA provavelmente reconhece que há uma incapacidade persistente de realmente incorporar qualquer projeto político em uma área sem reduzi-la a um projeto de ONG ativista desdentado ou a uma cena subcultural ousada, mas inacessível. Há uma incapacidade real de habitar o espaço de uma forma que não se torne imediatamente despolitizada. Isso pode não parecer um problema "geográfico", mas realmente é - e sinaliza uma atomização muito mais profunda na vida cotidiana que é muito difícil de superar. Portanto, em vários sentidos, há questões muito concretas de

organização política que têm uma dimensão espacial imediata. É por isso que a parte geográfica é importante.

Por outro lado, você também precisa incluir a parte comunista. Meu uso da frase é uma espécie de ataque preventivo para evitar que as pessoas associem o livro à "geografia marxista", à "geografia radical" ou, pior ainda, àquela contradição miserável chamada "economia política marxista". Em geral, essas são formas muito distantes e acadêmicas de investigação que realmente não dão resultado, por assim dizer, mesmo que às vezes possam fornecer algum insight útil. No final das contas, não é tão surpreendente quando se descobre que a atividade política de *fato* de acadêmicos "marxistas" proeminentes está à direita do seu recrutador médio do DSA. Quase nenhum deles manteve a fidelidade à dimensão insurrecional do próprio projeto de Marx ao longo do tempo, que estava inseparavelmente ligado ao núcleo incendiário da pesquisa comunista como tal. Hoje em dia, é fácil testar isso nos EUA: basta perguntar a eles onde estavam no verão de 2020. Portanto, a ideia por trás do uso de um termo como "geografia comunista" é também colocar essa fidelidade ao projeto comunista de volta no centro da pesquisa.

Em outro lugar, você afirmou que Hinterland foi escrito como uma resposta ao "mapeamento cognitivo deficiente da política e da economia nos EUA atualmente". O que você acha que está errado, insuficiente ou fraco na análise atual da classe trabalhadora e sua dimensão geográfica?

Basicamente, Seattle foi a primeira cidade americana em que morei. Eu me mudei para lá depois de passar a vida inteira no campo e, no início, não tinha condições de me hospedar na própria cidade. Em vez disso, morei em quartos de hotel e acampamentos na periferia suburbana e exurbana - esses são bairros hiperdiversos, em sua maioria, e, fora dos enclaves tecnológicos suburbanos, são bastante pobres e contrastam com o núcleo urbano extremamente rico. Então, quando me mudei para a cidade e me envolvi um pouco com a política esquerdista local, fiquei chocado com a dissonância básica entre a forma como as pessoas conceituavam a cidade e como ela era apresentada na realidade. Muitas pessoas pareciam não ter ideia de onde a maioria das pessoas pobres do metrô realmente vivia: nos subúrbios. Portanto, seu imaginário político simplesmente não incluía esses lugares. Eles tinham essa versão fantasiosa da cidade herdada da Nova Esquerda, com sua ênfase na organização do "centro da cidade" dentro de enclaves étnicos distintos. Nesse imaginário da esquerda americana, "os subúrbios"

significam pessoas brancas, embora em Seattle seja exatamente o oposto: o centro da cidade é mais branco do que os subúrbios.

Então, houve esse fenômeno irônico em que um grupo de esquerdistas que vivia no núcleo urbano já gentrificado tratava essa área como se ela devesse ser o foco de toda a organização e parecia fingir que a última década ou duas de deslocamento simplesmente não tinha acontecido. Isso me faz lembrar de fantasmas que estão fazendo seu trabalho diário, batendo manteiga ou qualquer outra coisa, mesmo que os lugares que eles estão assombrando tenham mudado completamente. Enquanto isso, nenhum dos organizadores esquerdistas realmente queria morar nos subúrbios onde as pessoas pobres estavam concentradas, porque eles, é claro, prezavam seu estilo de vida urbano agradável - e os subúrbios têm um projeto urbano horrível, um estoque de moradias envelhecido, é preciso comprar um carro para morar lá etc.



Naquela época, não havia sequer uma tentativa de realmente pensar em como conduzir a organização política em bairros suburbanos hiperdiversos como aquele. Hoje, a situação é um pouco diferente, mas não muito. As pessoas, na maioria das vezes, falam da boca para fora e, em seguida, tentam a mesma estratégia de organização que está fadada ao fracasso repetidas vezes, apenas em novos bairros. Mas se alguém teve um mínimo de

sucesso na organização nesses lugares na década passada, foi a ala progressista do partido democrático e sua rede de sindicatos e ONGs, incluindo seus parceiros juniores no DSA.

Além disso, havia todas as opiniões horríveis que as pessoas pareciam ter sobre os habitantes de áreas rurais ou de cidades distantes do interior - pequenas áreas metropolitanas longe da órbita dos grandes centros urbanos, geralmente dependentes de apenas alguns setores principais. Isso incluía suposições de que a América rural é só de pessoas brancas, que são todas racistas e conservadoras, etc. Isso, é claro, está totalmente errado. Esse tipo de cálculo moral também não é realmente útil para a compreensão da história violenta do colonialismo dos colonizadores e das monstruosidades ideológicas que emergem da miragem desmoronada da utopia dos colonizadores brancos - documentei várias delas no livro, ao examinar os mitos da extrema direita. Mas isso também serve a um propósito ideológico mais nefasto, pois impede a construção de quaisquer vínculos organizacionais reais com o campo e tende a afastar os migrantes rurais das cidades de qualquer organização política, embora eles tendam a ser, em média, muito mais pobres e já estejam predispostos a criticar o status quo.

Portanto, um mapeamento cognitivo ruim significa basicamente: você não sabe o que está ao seu redor, não sabe como as pessoas realmente vivem ou onde alguma coisa realmente está e, obviamente, não pode formular nenhum tipo de estratégia para se organizar quando esse é o caso, porque tudo o que você fizer será um fracasso. Você é como um fantasma vagando por corredores que não existem mais.

Seu livro apresenta a noção geográfica de "hinterland", que lembra conceitos mais antigos como "periferia", "rural" ou "franja". Mas, na verdade, você redefine uma área geográfica dentro de um contexto específico. Sem abolir esses termos antigos, você sugere uma nova maneira de ver a extensão geográfica da classe trabalhadora global. Como o significado dessas áreas mudou?

O hinterland é mais bem compreendido como o hinterland do capital ou o hinterland da acumulação - uma área que está fora dos centros de gestão e lucro, mas que não é realmente externa a eles, da mesma forma que um hinterland agrário clássico alimenta a cidade que circunda e é dependente dessa cidade. Uso o termo porque ele enfatiza o fato

de que o capitalismo é uma totalidade que se espalhou por todo o mundo. Portanto, a hinterlândia é global em seu escopo. Não há mais "fora" do sistema capitalista. Por exemplo, até mesmo os grupos mais distantes e isolados no coração da Amazônia agora vivem em um clima que está sendo fundamentalmente remodelado pelos imperativos da acumulação interminável, portanto, eles foram atraídos para a órbita do capitalismo, quer gostem ou não. No passado, você poderia argumentar que o mundo tinha outros centros de gravidade: antigos modos de produção que talvez estivessem em declínio, mas nos quais uma grande parte da população mundial ainda vivia. Ou, pelo menos, você poderia retratar os estados socialistas realmente existentes dessa forma, independentemente dos debates sobre a natureza exata da URSS ou da China da era socialista.

Mas nada disso é mais verdade. Agora há um único centro de gravidade e tudo o que ainda não entrou em colapso está em uma órbita degenerada, com seu movimento definido pelo capitalismo, mesmo que indiretamente. Não apenas o bloco oriental entrou em colapso e a China passou por uma transição capitalista (aqueles que pensam o contrário não entendem realmente as definições básicas e deveriam ler a revista *Chuang*), mas o mundo como um todo passou por um longo e violento processo de "desespacialização". Até mesmo áreas como a África Subsaariana - onde uma grande parte da população já viveu mais ou menos diretamente da terra - tem visto uma dependência cada vez maior do mercado, de modo que não é incorreto dizer que a grande maioria da população mundial agora depende da sociedade de commodities para sobreviver, mesmo que de forma indireta.

Isso é muito importante porque muda algumas das coordenadas que herdamos de encarnações passadas do movimento comunista. A ideia de "interior" e o fato de ser global é uma tentativa de enfatizar esse ponto político. Não há mais "periferia", porque não há "borda" para o capitalismo. Isso é realmente importante, porque destrói de forma decisiva todo o edifício das teorias de crise baseadas na ideia de que o capitalismo só pode sobreviver saqueando os territórios não capitalistas que o cercam ou o interpenetram. Então, como podemos entender coisas como a dependência imperial sem enquadrar o capitalismo como pouco mais do que um parasita que se alimenta do mundo não capitalista? Da mesma forma: como entender a crise e as perspectivas de

longo prazo do sistema, se reconhecermos o fato claro e evidente de que o sistema não entrou em colapso quando se tornou verdadeiramente global?

Compreender tanto a pilhagem histórica que espalhou o capitalismo pelo mundo quanto a luta de classes como ela realmente existe hoje requer uma compreensão totalmente imanente de como o capitalismo funciona, em seus próprios termos. Isso também significa que precisamos de uma teoria de como o comunismo pode emergir da guerra de classes *dentro do capitalismo*, sem vislumbrar utopias além da periferia - seja na forma de sociedades camponesas e indígenas idealizadas por esquerdistas distantes ou na miragem dos antigos projetos socialistas de Estado. Essa é a importância central e política da noção de hinterland e o que a torna relevante para além dos EUA.

Na Turquia, o AKP islâmico neoliberal está no poder há quase 20 anos. Sua principal base eleitoral continua sendo a classe trabalhadora nas regiões que podemos chamar de interior da Turquia. O estudioso marxista Cihan Tuğal afirma que o movimento islâmico é um dos dois principais movimentos políticos da Turquia que vem empregando métodos leninistas de organização desde os anos 70. Em seu artigo [The Rise of the Leninist Right \(A ascensão da direita leninista\)](#), ele também argumenta que há uma estrutura organizacional semelhante na política de direita americana. De alguma forma, essa afirmação coincide com suas representações da presença da alt-right e da formação de milícias no centro dos Estados Unidos. Você afirma que os democratas veem o interior dos Estados Unidos como uma zona de sacrifício e que somente o Partido Republicano se organiza nessas áreas. Se considerarmos os contextos da Turquia e dos EUA juntos, podemos dizer que a direita política (globalmente) tem uma vantagem natural no interior, ou que eles descobriram seu potencial antes de nós e investiram na prevenção de qualquer guerra de classes?

Houve uma moda nos comentários políticos americanos durante a segunda metade da década de 2010, em que os jornalistas usavam essas antigas metáforas leninistas para descrever a ascensão de Trump. Isso foi até cultivado por pessoas envolvidas na campanha, como Steve Bannon. Mas logo surgiram importantes meios de comunicação liberais fazendo comparações igualmente estúpidas. Deixe-me ser claro: não há absolutamente nada de "leninista" na forma como a extrema direita é mobilizada nos EUA, a menos que você esteja usando o termo para significar nada mais do que "ligeiramente organizada". Ainda mais do que isso: Acho que as tentativas de comparar

a extrema direita dos EUA com algo como o Hezbollah ou, no seu caso, com a base de apoio do AKP, basicamente deixam de perceber que a política americana é quase universalmente um show de merda, por dentro e por fora. Fingir que eles são hiperdisciplinados ou mesmo que têm o apoio populista genuíno que os islamitas conseguiram construir em muitas áreas do interior é dar-lhes crédito demais.

Agora, o núcleo da verdade aqui é que, nos EUA, há um espaço cada vez maior para que algo assim aconteça no futuro, e a extrema direita pode estar mais bem preparada para explorá-lo nas próximas décadas. No entanto, isso não é absolutamente a mesma coisa que argumentar que essa capacidade já existe. Quero dizer, no Líbano, a ascensão do Hezbollah em algumas das partes mais pobres do interior pode ser atribuída, pelo menos em parte, ao fato de que eles executaram programas populares de "desenvolvimento social", abriram escolas, hospitais e alas de caridade para apoiar as famílias dos combatentes que morreram em batalha. Sejam francos: o tipo especial de idiotas que povoam a extrema direita americana atualmente jamais poderia fazer nada disso. Imaginá-los tentando administrar um hospital é hilário. Estou apenas apontando que a próxima geração da extrema direita pode ser capaz de algumas dessas coisas - e que não será como esperamos que seja. Isso é pouco visível no interior rural hoje em dia, mas também enfatizo que o interior próximo (as áreas suburbanas que circundam as grandes cidades) é, na verdade, mais importante nesse aspecto. Esse será o principal campo de batalha.



Agora, quanto ao fato de a direita ter ou não uma vantagem "natural" no interior, ou especificamente no interior "distante": absolutamente não. Vamos voltar ao exemplo do Hezbollah. A maioria das pessoas conhece as origens e a ascensão do Hezbollah na luta contra a ocupação israelense do sul do Líbano. Mas o que é ignorado é o fato de que, antes disso, a força organizadora dominante no interior do extremo sul era o partido comunista. A ascensão do Hezbollah foi uma batalha multidirecional: lutar contra Israel, lutar contra os comunistas, lutar contra o governo. Essa é uma história que se repete em todo o Oriente Médio, é claro. A direita não tem nenhuma reivindicação natural sobre o interior distante, e certamente não sobre o interior em geral. De fato, em muitos lugares, sua ascensão só foi possível graças ao amplo financiamento estrangeiro em nome do anticomunismo. Acho que essa realidade é bem ilustrada na Turquia, onde temos o AKP, com sua base no interior, de um lado, e os curdos, com sua base no interior, de outro. O interior é um campo de batalha aberto.

Dito isso, acho que os países colonizadores, como os EUA, têm uma posição um pouco diferente e, nesses casos, a predisposição para a direita tem sido mais forte. É importante lembrar que até mesmo muitas das forças históricas de esquerda nos Estados Unidos basicamente aceitaram o programa de colonização e muitos dos primeiros projetos utópicos anarquistas e socialistas americanos, por exemplo, eram literalmente

projetos de colonização branca que muitas vezes deslocavam diretamente os povos indígenas - e não me refiro ao sentido geral de que todos nós ocupamos terras indígenas ou o que quer que as pessoas digam no início das reuniões de diretoria hoje em dia, mas no sentido literal de comunas anarquistas sendo construídas em locais sazonais importantes que ainda estavam em uso até aquele momento. Qualquer pessoa que se inspire nessa história precisa reconhecer que sempre houve uma forte sobreposição entre a utopia dos colonos brancos e a utopia socialista. Isso também significa que até mesmo a política nominalmente de esquerda nos EUA sempre tendeu a ter uma presunção de direita em seu cerne.

Mas isso geralmente leva a uma falsa compreensão de como essa ideologia de direita é continuamente produzida nos EUA e, em particular, do fato de que o processo muda com o tempo. As pessoas podem reconhecer que o colonialismo dos colonizadores é um projeto contínuo, por exemplo, mas tendem a confundir o estágio inaugural desse projeto - o processo literal de colonização e suas consequências imediatas - com o estágio maduro de sua manutenção e o que poderíamos pensar, de forma otimista, como sua senilidade avançada ou, de forma mais pessimista, como as crises e reinvenções periódicas pelas quais o processo de racialização passa quando atinge determinados limites materiais. Em cada ponto, a natureza do imaginário da direita se transforma.

Inicialmente, esse núcleo de direita é extremamente poderoso e as recompensas materiais que se acumulam para certas frações do proletariado em detrimento de outras (ordenadas por meio da hierarquia racial) são substanciais. É por isso que a colonização é tão importante nesse mito - porque o lote de terra foi a primeira moeda real que definiu o poder social de acordo com a raça, o anverso do extermínio ou da escravidão concedida aos segmentos da população que não eram colonos. Historicamente, esse núcleo de direita tem sido tão poderoso que o mito do colono se cruzou com o imaginário socialista em um grau substancial. À medida que amadurecia, continuou sendo um mito poderoso e ajudou a gerar o tipo específico de chauvinismo imperial americano e a violência da máfia branca que definiram o século XX. Não é coincidência que muitos desses conflitos raciais tenham sido expressos como questões de policiamento de propriedades e valores de propriedade.

Em um determinado momento, porém, as bases materiais que sustentavam esse mito começam a se tornar mais frágeis. A racialização entra em crises periódicas que só

podem ser resolvidas por uma reconfiguração de suas coordenadas. A utopia do colono branco começa a apodrecer. Não poderia ser de outra forma, é claro, porque sempre foi uma miragem diante dos olhos do proletariado, dividindo as frações dos despossuídos umas das outras. Mas a miragem só funcionou porque parecia real, e até era real em certo sentido: acreditar nela trouxe benefícios materiais reais para uma parte da população. Mas tem sido cada vez mais caro para o sistema como um todo manter esses benefícios - especialmente quando essas crises também tendem a implicar, historicamente, uma ampliação de quem é considerado "branco". Há, essencialmente, outra crise crescente de racialização nos EUA hoje que está perturbando antigas certezas. O imaginário da extrema direita hoje tem mais a ver com o colapso dessa antiga utopia dos colonos brancos do que com seu cultivo ou preservação.

Os primórdios desse processo são o que eu documento no livro. Esse também é um dos motivos pelos quais defendo que qualquer movimento futuro de extrema direita não será inicialmente reconhecido como tal. Voltando à sua pergunta original: na verdade, é por isso que qualquer movimento futuro de extrema direita nos EUA teria de imitar as táticas mais ativas dos islamitas - porque as predisposições iniciais em relação à ideologia de direita incorporadas ao projeto dos colonos amadureceram e ficaram senis.

Um navio de contêineres que ficou preso no Canal de Suez nos meses anteriores nos mostrou como era frágil e vulnerável a malha global de infraestrutura material. O navio foi liberado agora, mas serviu de inspiração para a militância trabalhista e a ação coletiva nos pontos de estrangulamento logístico do mundo, já que um único navio afetou 12% do comércio global. No livro, você argumenta que, em vez dos núcleos centrais "criativos", financeirizados ou de alta tecnologia de suas cidades globais, os assentamentos do interior são o local em potencial das futuras lutas proletárias, principalmente devido à sua importância estratégica na rede global de logística e à sua capacidade de paralisar fundamentalmente a produção global e as cadeias de suprimentos. O que você acha que podemos fazer para nos prepararmos para esses possíveis confrontos? Quais são as possíveis estratégias para os comunistas se organizarem no interior?

Essa é provavelmente a maior dúvida, é claro. E, infelizmente, não tenho nenhuma resposta clara. Obviamente, a questão das possíveis estratégias realmente depende das condições locais. Em outras palavras, quem é o "nós" nesse tipo de pergunta? Porque a

realidade é que, se estivermos falando de cinco pessoas, não acho que "estratégia comunista" seja a palavra correta, pois é um pouco grandiosa demais em suas implicações. Na maioria das vezes, precisamos ser mais mundanos e muito mais sinceros. Em lugares como os EUA, o nível geral de organização entre os comunistas é tão abismalmente baixo que é tentador dizer que qualquer tipo de organização é um passo à frente - é claro que o problema é que as pessoas geralmente constroem pequenos cultos estranhos e os chamam de "organização", portanto, esse é um mau conselho. Mas sejamos realistas: na maioria das cidades americanas, o "nós", nesse sentido, é extremamente pequeno. Talvez no papel haja muitas pessoas interessadas nesse assunto, mas em termos de pessoas capazes e dispostas a fazer qualquer tipo de trabalho competente? São muito poucas. No entanto, há esse senso idiota de grandeza.

Em outros países, pode haver uma capacidade organizacional muito maior, mas de forma extremamente fragmentada. Nessas condições, há uma forte tentação de superar essa fragmentação por meio de uma política de coalizão formada em torno dos ganhos mais mínimos, como eleger ao poder algum partido social-democrata inevitavelmente decepcionante. É claro que isso fracassa e todos se esquecem até que chegue a hora de acontecer novamente. Os comunistas raramente têm influência real suficiente dentro dessas coalizões para sobreviver ao seu colapso. Aderir a esse tipo de coalizão de denominador comum mais baixo efetivamente eutanásia qualquer grupo comunista, porque grande parte da energia do grupo é dedicada a esses projetos liberais sem graça que não é mais possível distinguir. Tudo isso é justificado em termos de conquista de recrutas ou alguma bobagem. Mas, na verdade, os números nunca mostram que isso está acontecendo.



Ao mesmo tempo, é evidente que há muitas pessoas pelo menos um pouco interessadas em mudanças sociais substanciais nos EUA e em todo o mundo. Há muito mais pessoas explicitamente ou, pelo menos, potencialmente interessadas no comunismo do que havia há apenas uma década. E, no entanto, nenhum grupo comunista existente parece ter estado em qualquer tipo de posição para se beneficiar disso. Até mesmo os anarquistas não conseguiram atrair essas pessoas em números reais, em contraste com o domínio do anarquismo nessas cenas sociais de esquerda menores no início dos anos 2000. E, é claro, os muitos cultos socialistas com suas estruturas "centralistas democráticas" remanescentes - nos EUA são quase exclusivamente trotskistas - que deveriam ser projetados para recrutar exatamente dessa maneira (atraindo estudantes e progressistas de olhos brilhantes) fracassaram abissalmente.

Em contrapartida, foram as organizações mais abertas, vagas e simples que se beneficiaram em grande escala: grupos como o DSA, e talvez seja possível classificar o Podemos na Espanha dessa forma. É claro que isso é lamentável, porque o impulso político real desses grupos não é nada além do liberalismo convencional, ligeiramente à esquerda dos centristas. Mas, na verdade, há algo informativo aqui, porque a vitalidade real de um grupo como o DSA não tem nada a ver com suas pequenas vitórias eleitorais: em vez disso, tem a ver com suas iniciativas educacionais, sua presença

cultural, o fato de que seus membros realmente saem e fazem coisas (mesmo que mundanas, coisas como bater de porta em porta têm uma certa presença) e até mesmo, Deus nos livre, às vezes apenas ouvem as reclamações das pessoas comuns sem tentar convertê-las imediatamente em alguma moeda ideológica.

Agora, depois desse quadro pessimista, direi que acho que houve algum sucesso entre certas frações comunistas e anarquistas nos mesmos aspectos, mas em uma escala menor. Há pequenos grupos e redes de pessoas em muitos países que começaram a tratar a prática comunista de forma literal novamente: enfatizando o esforço prático sobre a ideologia e a qualidade moral. Mas é claro que não se trata de grandes organizações com marcas registradas. Ainda estamos falando de pequenos grupos de pessoas e o grande avanço que tenho visto é que alguns desses pequenos grupos estão pelo menos reconhecendo o fato de que são pequenos grupos e não grandes organizações que definem estratégias. Quando esse reconhecimento ocorre, não há como deixar de adotar uma orientação pragmática, enfatizando a educação, o desenvolvimento de habilidades e a abertura para o exterior, etc.

Sabemos que você é cético quanto à utilidade das ocupações de parlamentos ou parques em frente aos centros financeiros. Em sua entrevista com Paul Mattick, você faz uma distinção entre a "política da visibilidade" e a "política do poder", afirmando que, como o interior é em grande parte invisível, ele não é atraente para uma política simbólica. Quando mudamos a ênfase da visibilidade para questões de poder, fica claro que o sertão próximo é de importância central. A partir dessa perspectiva, como devemos pensar sobre a atual onda de insurreições globais? Temos visto uma mudança nas lutas contemporâneas da cidade para o interior? Por exemplo, na Turquia, há cada vez mais greves e movimentos de resistência dos trabalhadores no interior do país, mas eles raramente se vinculam à política de massa. Você acha que existe uma maneira de as lutas urbanas se tornarem úteis para uma política de poder?

Nos EUA, esse ainda é um limite importante. Mesmo quando houve rebeliões em cidades do interior dos Estados Unidos - lugares como Rockford, Kenosha e Rochester - elas ainda tenderam a gravitar em torno dos centros vazios dessas cidades menores, mesmo quando grandes distúrbios teriam sido possíveis. O grande estudo de caso aqui é Louisville, Kentucky, é claro, porque todos estavam presumindo que o veredicto do caso Breonna Taylor desencadearia outro ciclo de tumultos na cidade, que abriga o UPS

Worldport. Fechar esse aeroporto de carga teria sido um grande salto em escala. Mas isso não chegou nem perto de acontecer, porque os protestos foram direcionados para um pequeno centro vazio, cheio de policiais fortemente armados.

Também é notável que duas das principais rebeliões em estágio final ocorreram em subúrbios do anel interno: Kenosha, Wisconsin, e Brooklyn Center, nos arredores das Cidades Gêmeas, em Minnesota, onde a revolta do verão começou. Mas, diferentemente do que havia acontecido em Ferguson anos antes, esses tumultos suburbanos foram imediatamente enfrentados com imensa força do Estado e, no caso de Kenosha, também com uma mobilização substancial da direita. Em parte, isso se deveu ao fato de que toda a área de Minneapolis e Milwaukee já havia passado por uma mobilização maciça da polícia nos meses anteriores, de modo que os departamentos de todas as cidades vizinhas estavam preparados para esse tipo de situação. Mas acho que isso também demonstra o fato de que os detentores do poder aprenderam com os fracassos em Ferguson. Os democratas têm aumentado ativamente sua capacidade de repressão branda nesses bairros, e dinheiro e treinamento têm sido canalizados para os departamentos de polícia dos subúrbios ainda mais rapidamente.

Mas você tem razão, em outros países, acho que a tese foi realmente aplicada de forma muito mais literal. Recentemente, escrevi um [prefácio](#) para a edição francesa de *Hinterland*, por exemplo, e os Coletes Amarelos são um ponto de referência óbvio. O que é realmente definitivo sobre esse tipo de revolta no interior é que, mesmo quando envolvem o que parece ser uma atividade explicitamente "política", como greves, tumultos, bloqueios etc., elas ainda assim têm esse caráter "apolítico" muito distinto. É claro que não é realmente apolítico, é pragmático, coloca a ação em primeiro lugar e decide a ideologia depois, porque reconhece que ninguém tem boas respostas, intelectualmente, para a pergunta "o que deve ser feito" hoje. E é claro que isso faz com que todos os esquerdistas absolutamente banais e insuportáveis gritem "fascismo!". Mas não há perda: esses movimentos são muito melhores sem o envolvimento da esquerda. Ao mesmo tempo, eles estarão muito melhores se os comunistas puderem se envolver. E isso significa que os comunistas precisam se livrar de toda a bagagem que herdaram dessas cenas sociais de esquerda. Eles precisam abandonar essa atitude arrogante e santa e se tornar abertos, humildes e, de fato, aprender algumas habilidades também, para que valha a pena tê-los por perto.

Em Hinterland, você afirma, com toda razão, que "o caráter da produção esculpe o caráter da classe". Hoje em dia, falamos sobre proletariado essencial, precariado, trabalhadores marginalizados ou sem rumo, conceitos como fábrica global ou até mesmo pós-industrialização. Está claro que as formações de classe estão em constante mudança. Como você definiria a composição de classe real do proletariado global? Que seção(ões) do proletariado você vê como o alicerce dos movimentos comunistas de hoje e do futuro próximo ou, como você se refere a essas lutas em termos marxianos, "o partido histórico"?

O sujeito revolucionário só é composto no decorrer da revolução. Se uma revolução está sendo gestada, então esse sujeito é gestado junto com ela. Mas sem uma situação revolucionária ou, pelo menos, sinais claros de que uma está prestes a nascer, não se pode realmente falar de uma base preestabelecida para um futuro movimento revolucionário. Nunca foi assim que as revoluções realmente funcionaram no passado. Mesmo que você aponte para um caso específico, como a revolução chinesa, e diga que ela teve uma base "camponesa", isso é, na verdade, uma simplificação perigosa. Na verdade, entre as muitas formas diferentes de subsistência local (ou seja, as muitas formas diferentes de vida "camponesa") que existiam no leste asiático continental no período que antecedeu a revolução chinesa, os comunistas tiveram muito mais facilidade para se organizar em determinadas regiões do que em outras. Isso foi especialmente importante no início! E tinha a ver com todos os tipos de contingências locais, como a força dos grupos de bandidos sociais pré-existentes, a capacidade de se organizar entre frações específicas do proletariado industrial, como os trabalhadores ferroviários (que tinham mais contato com mais pessoas em mais lugares) e os detalhes locais de como, exatamente, as relações de classe estavam estruturadas no terreno em determinados lugares. Em retrospecto, é óbvio que qualquer revolução naquela parte do mundo teria uma "base camponesa", já que a grande maioria das pessoas era camponesa na época. Mas isso não nos dá nenhuma ideia de quais frações do campesinato e do proletariado industrial inicial foram recrutadas mais cedo, quais se mostraram mais essenciais para os estágios iniciais de organização e por quê.



Da mesma forma, podemos obviamente dizer que achamos que uma revolução será baseada no proletariado hoje, mas isso não quer dizer nada, porque a grande maioria das pessoas no mundo é proletária. Isso também parece um duplo vínculo, porque garantir que as revoluções futuras tenham um caráter comunista exige que os comunistas se envolvam nesse processo de forma a incentivar esse resultado, mesmo considerando que, em seu início, muito poucas dessas atividades se revestirão imediatamente da linguagem e da atitude adequadas de atores políticos "conscientes". Não tenho absolutamente nenhuma fé na proposição de que a história gerará um resultado comunista por acaso, ou que o "partido histórico" por si só é suficiente. Isso é mais ou menos como chegar perto de alguém que está pescando em um rio e observar que há peixes no rio, independentemente de a pessoa estar pescando ou não. Isso é um mal-entendido do propósito ou uma afirmação mais questionável de que devemos apenas esperar que os peixes sejam lançados pela correnteza e se acomodem a nossos pés. Essa metáfora rústica é um tanto estúpida, mas você entendeu o ponto.

Na verdade, sou muito "ortodoxo" aqui, na medida em que acho que os partidos formais e práticos (o que Bordiga chamou de "partidos efêmeros") são importantes e que, em conjunto, a formação de um ecossistema desses partidos práticos, na medida em que estão enraizados no partido histórico e se movem com ele, constituem o que chamamos

de partido comunista - e que um partido comunista é necessário para se ter uma revolução comunista, quer você a chame assim ou não. Nenhum partido comunista existe hoje, é claro! Em vez disso, estamos em um estágio em que grupos muito pequenos de comunistas individuais e pessoas em sua órbita foram impulsionados pelas erupções do partido histórico, ou literalmente convertidos ao comunismo por meio dessas erupções. Nessas condições, eles têm experimentado a criação de partidos práticos ou "efêmeros" em escala relativamente pequena, na tentativa de se enraizarem no movimento vacilante do partido histórico, sobrevivendo à depressão que vem depois da onda e tentando se interligar com outros partidos pequenos e práticos para formar o que poderíamos pensar como uma rede micelial em potencial capaz de sustentar o partido comunista que está por vir (podemos esperar). Descobrir onde esse tipo de atividade comunista preliminar pode se enraizar mais facilmente e ser mais frutífero é um processo experimental. No entanto, como em qualquer experimento, você não pode deixar que dogmas rígidos limitem seus dados antecipadamente ou o ceguem para os resultados reais.

Esse é um ponto realmente simples, mas requer ênfase repetida. Obviamente, há certos lugares que são mais ou menos auspiciosos para a organização comunista em estágio inicial. Mas para descobrir onde estão esses lugares é preciso fazer experimentos. Sim, parte disso é intelectual: formar uma hipótese requer pensar sobre onde a aplicação de recursos muito limitados pode gerar os maiores retornos iniciais e por quê. Mas a hipótese não é suficiente por si só. É preciso ir e tentar. Podemos dizer que há dois erros comuns e simétricos aqui: o primeiro é formular infinitas hipóteses e realizar zero experimentos. O segundo erro é o chamado interminável para "organizar" sem muita reflexão ou análise, seja antes ou depois. Isso é como realizar um milhão de experimentos aleatórios, mas nunca anotar os resultados ou, mesmo que o faça, nunca processar os dados.

Em termos de hipóteses, temos de ter cuidado com o que estamos falando. Muitas pessoas confundem a questão de "quem pode ser mais essencial para o sucesso de uma revolução comunista" com "quem pode ser mais receptivo a participar de um movimento comunista em sua gestação", e essas são duas coisas extremamente diferentes. É aí que surge a confusão sobre os trabalhadores logísticos - e poderíamos estender isso a qualquer definição do proletariado "essencial". Sim, obviamente é

estrategicamente muito importante se organizar entre esses trabalhadores. As paralisações em suas empresas têm efeitos em cascata em toda a cadeia de produção, os armazéns (assim como escolas e hospitais) tendem a abrigar algumas das maiores concentrações geográficas de trabalhadores na maioria das cidades americanas e, é claro, os trabalhadores de logística, em particular, têm desempenhado papéis muito importantes na organização comunista historicamente.

Portanto, podemos dizer que esses trabalhadores serão essenciais para o sucesso, no final das contas. Mas isso não é o mesmo que demonstrar que esses trabalhadores demonstraram mais interesse do que outros em se organizar - e certamente não há evidências de que os trabalhadores de logística pareçam particularmente receptivos ao comunismo. Em vez disso, o que quero dizer em *Hinterland* é que é significativo que as geografias de agitação que existem nos EUA - esses tumultos crescentes que contam com a participação cada vez maior de jovens que vivem nesses subúrbios recentemente empobrecidos - estejam começando a se sobrepor às geografias do setor de logística. Acho que isso não ficou suficientemente claro no livro, portanto, deixe-me esclarecer aqui: *isso não significa que estou prevendo greves em massa imediatas entre os trabalhadores de logística!* Em vez disso, estou apontando que, se você tem um grupo de jovens desses subúrbios se revoltando por causa de assassinatos cometidos pela polícia e essas revoltas parecem estar se concentrando lentamente nesses espaços suburbanos, quanto tempo ainda vai demorar para que você veja essa atividade colidir com essa infraestrutura de logística?

Da mesma forma, o que acontecerá com todos esses bairros de classe trabalhadora se a próxima crise econômica ou simplesmente alguma mudança técnica começar a eliminar os empregos nessas mesmas empresas? No momento, a realidade é que os subúrbios logísticos mais ativos economicamente são alguns dos poucos lugares onde os trabalhadores com baixo nível de escolaridade podem encontrar prontamente um trabalho com remuneração decente. Obviamente, poderia ser melhor remunerado e poderia haver muitas melhorias no local de trabalho. Mas acho que é um pouco absurdo quando as pessoas leem os últimos capítulos do livro como se eu estivesse prevendo um novo movimento trabalhista surgindo no setor de logística, com base nessas demandas marginais por aumentos salariais e protocolos de saúde. É claro que essas demandas podem ser atendidas e é quase certo que haverá uma maior organização no setor. Mas,

na verdade, não é disso que estou falando. Afinal, a maioria das histórias que narro do interior do país não é sobre trabalhar em armazéns, mas sobre ser sem-teto ou estar na cadeia. Afinal, o livro é sobre crise e colapso. Estou perguntando: o que acontece com esses lugares quando tudo desmorona, como eles resistirão às próximas ondas de desemprego e que tipo de divisões podemos ver, geracionalmente, entre os jovens criados nesses bairros em contraste com seus pais, que se mudaram de outros lugares para lá?



É claro que se pode argumentar que esses são locais em que a organização comunista pode ter mais influência, porque há evidentemente uma forte tendência de auto-organização de base entre determinados setores da força de trabalho de logística. Ao mesmo tempo, a campanha de sindicalização de Bessemer, Alabama, parece sinalizar que as iniciativas tradicionais de sindicalização podem não ser a melhor estratégia nesse caso. Há muitas razões para isso, mas minha experiência sugere que a maioria dos trabalhadores desconfia da sindicalização porque simplesmente não vê como esses sindicatos tradicionais os protegerão - e *eles estão certos*, porque nos EUA os sindicatos são essencialmente destituídos de poder. Portanto, acho que esse caso precisa ser demonstrado na prática. Minha intuição é que as campanhas de organização de inquilinos nos mesmos bairros foram, na verdade, mais bem-sucedidas do que essas

campanhas sindicais entre os trabalhadores de logística, tanto no sentido de quantas pessoas tendem a ser apresentadas a ideias radicais no decorrer da campanha quanto no sentido de quantas "vitórias" essas organizações conseguiram garantir. A estratégia de organização de inquilinos e bairros, especialmente combinada com campanhas no local de trabalho, pode ter mais potencial de longo prazo em alguns desses subúrbios, especialmente porque fornecerá uma infraestrutura mais útil se as empresas fecharem ou se envolverem em demissões em massa ou se houver alguma nova catástrofe climática.

As condições atuais e o potencial revolucionário do sertão também estão intimamente ligados à situação ecológica atual. Você oferece um retrato hábil da economia do desastre em relação aos crescentes incêndios florestais no interior dos Estados Unidos por meio de sua própria experiência. Hoje, sob o regime opressivo da Turquia, as lutas mais proeminentes nas áreas rurais são aquelas contra o desmatamento e as usinas hidrelétricas. Também há movimentos e ocupações semelhantes em outras partes do mundo, como as ZADs na França. O que você acha dessas lutas e de sua possível influência nos confrontos de classe no interior do mundo?

As pessoas tendem a não ter tanto conhecimento disso, mas no século passado, nos EUA, o movimento ambientalista inicial realmente encontrou sua base entre os trabalhadores dos setores extrativistas e nas comunidades que dependiam deles. Além dos organizadores indígenas, alguns dos primeiros defensores da silvicultura sustentável, por exemplo, eram sindicatos como o International Woodworkers of America. De modo geral, a ideia de que foram os trabalhadores rurais destrutivos desses setores que entraram em conflito com os urbanos distantes por causa das políticas ambientais do final do século XX é excessivamente simplista e, em muitos casos, completamente errada.

Mas é verdade que um "ambientalismo" específico, baseado entre os urbanos e que mobiliza a intervenção dos governos federal e estadual, é mais ou menos o único "ambientalismo" que emergiu dessas batalhas em uma posição dominante. Esse é o "ambientalismo" que herdamos, mas que dificilmente merece esse nome. Ele tem sido dominado tanto por uma noção desinformada (e profundamente anti-indígena) de natureza "intocada" quanto por um profundo ressentimento em relação aos trabalhadores rurais e à pobreza rural, tendendo a denegrir a silvicultura comunitária, o gerenciamento de terras indígenas (incluindo queimadas controladas generalizadas e

plantio de culturas forrageiras) e a malignizar totalmente a demanda das pessoas rurais por meios de subsistência. Além disso, é claro, foi financiado por um subgrupo específico de industriais urbanos.

Nos EUA, em particular, isso significa que muitas lutas nas últimas décadas pela remoção de barragens, contra mais desmatamento, contra a abertura de novas minas etc. tendem a colocar as pessoas mais pobres que vivem na área (e que sofrem algumas das consequências mais diretas) contra pessoas de fora (geralmente de cidades distantes) que se opõem ao projeto ao lado de uma minoria de moradores locais que têm empregos lucrativos em alguma agência federal. A base dessa oposição é que aqueles que se opõem a esses projetos não conseguiram oferecer nenhum modo alternativo de subsistência para os que vivem em áreas rurais. As pessoas dessas áreas não querem necessariamente *que* seu quintal seja destruído por alguma empresa madeireira. Mas, como já disse em outro lugar: a economia é uma situação de refém. Elas entendem que, neste mundo, precisam de um emprego para sobreviver. Isso é muito importante, no contexto do meu livro, porque resalto que é a *ilusão* de empregos na indústria rural e na agricultura que ajuda a atrair as pessoas para a extrema direita nesses locais. Não é coincidência que sua verdadeira base de financiamento possa ser encontrada entre os pequenos industriais: os proprietários de pequenas empresas de mineração, pecuária e extração de madeira.

Dito isso, parece que alguns desses outros exemplos mostram uma possível saída para esse dilema. O ZAD é interessante justamente porque vai contra essa tendência, na medida em que conseguiu recrutar moradores locais para a campanha e na medida em que muitos dos que inicialmente eram "de fora" dedicaram tanto tempo e esforço que não podem mais ser caracterizados dessa forma. Portanto, talvez, em um certo aspecto, esses movimentos possam nos dar uma janela para possíveis caminhos a seguir na organização dentro do interior distante. Mas parece que eles ainda são bastante limitados e muitos de seus sucessos podem ser atribuídos a fatores contingentes que permitiram uma aliança mais fácil entre as diferentes frações envolvidas.

Em seu artigo "[Crowned Plague](#)" sobre a pandemia de Covid, você citou o artigo de Chuang "Social Contagion":

De uma forma estranha, a experiência subjetiva é semelhante à de uma greve de massa - mas uma que, em seu caráter não espontâneo e de cima para baixo e, especialmente, em sua hiperatomização involuntária, ilustra os enigmas básicos de nosso próprio presente político estrangulado tão claramente quanto as verdadeiras greves de massa do século anterior elucidaram as contradições de sua época. A quarentena, portanto, é como uma greve esvaziada de suas características comunitárias, mas ainda assim capaz de causar um choque profundo tanto na psique quanto na economia.

Essa é uma afirmação forte, porém questionável. No final do seu artigo, você também define os atos de solidariedade comunitária gerados pela pandemia como uma breve abertura para a ideia do comunismo. Isso nos lembra o momento messiânico de Benjamin ou as fraturas utópicas de Jameson "por meio das quais outra imagem do futuro e outro sistema de temporalidade podem emergir". Os desastres podem ter esse potencial? Após um ano de estado de emergência mundial, como você vê a situação agora? Quais foram os efeitos da pandemia no interior do mundo?

Comecei a escrever esse artigo antes do início da rebelião de George Floyd e essa foi uma preocupação persistente no fundo da minha mente durante todo o tempo: e se essa citação for um pouco otimista demais? E se os efeitos do lockdown forem apenas negativos? E então, é claro, o verão quente começou logo antes de o artigo ir para o prelo e acho que o sentimento foi mais do que justificado. Eu diria que a experiência do confinamento foi extremamente importante para condicionar essa rebelião, mesmo que tenha sido apenas porque milhões de pessoas que normalmente estavam ocupadas demais para realmente pensar muito sobre como o mundo funciona foram subitamente expulsas de seus empregos e confrontadas com questões políticas imediatas para onde quer que olhassem.

Após um ano do estado de emergência, isso fica ainda mais claro. É realmente difícil exagerar o grau em que o discurso público geral e o imaginário político básico foram transformados. Temas como a abolição da polícia, que antes eram o foco de grupos muito, muito pequenos e marginais de ativistas radicais, agora são pontos de discussão dominantes. Obviamente, isso significa que os termos estão sendo diluídos e usados para alimentar o pânico moral dos conservadores. Mas é uma mudança enorme e acho que, embora provavelmente tivéssemos chegado lá de qualquer forma, a pandemia acelerou um pouco a linha do tempo. Até mesmo o fato de que muitas pessoas tiveram

esse breve período em que puderam sobreviver sem trabalhar todos os dias - isso é enorme.

É preciso lembrar que, nos EUA, conseguir o seguro-desemprego costumava ser extremamente difícil. Não é mais possível "receber assistência social", independentemente do fato de que muitos conservadores parecem pensar que é possível. Assim que você para de trabalhar, sua renda desaparece. E muitas pessoas estavam convencidas de que esse era um fato natural e inevitável da vida! Então, de repente, as pessoas foram confrontadas com a percepção básica de que nós, coletivamente, temos mais do que o suficiente para sustentar a todos e que é uma realidade *política* não fazermos isso regularmente.

Em suma, tudo isso ilustra o argumento comunista fundamental de que é somente em momentos de desastre e agitação que o horizonte real do que é possível pode ser vislumbrado. Você pergunta se os desastres podem ter esse potencial e eu diria que, na verdade, são *apenas os* desastres que têm. Somente esses colapsos maciços na maneira como tudo funciona oferecem alguma esperança real. A mudança nunca é incremental, ela é pontuada, definida por eventos-limite. E esses rápidos furos no status quo não podem deixar de parecer desastrosos de qualquer perspectiva que tenha se enraizado nesse status quo. Mas, se formos comunistas, não estaremos enraizando nossas esperanças e expectativas na suposição de que as coisas devem permanecer como estão e mudar um pouco de cada vez. Essa é a equação perdida pelos centristas e social-democratas, que apenas discordam entre si sobre o ritmo desse avanço gradual. Em vez disso, nossa fidelidade está nesses momentos de ruptura, porque são eles que demonstram que os seres humanos têm uma capacidade coletiva de fazer as coisas de forma diferente e que, obviamente, temos recursos materiais mais do que suficientes para atender a todos. Essas são as fendas nas quais o poder deve ser construído e multiplicado.